

A galinha

Morta
flutua no chão.
Galinha.

Não teve o mar, nem
quis, nem compreendeu
aquele cisca quase feroz. Cis-
cava. Olhava

o muro,
aceitava-o negro e absurdo.

Nada perdeu. O quintal
não tinha
qualquer beleza.

Agora
as penas são só o que o vento
roça, leves.

Apagou-se-lhe
toda cintilação, o medo.
Morta. Evola-se do olho seco
o sono. Ela dorme.

Onde? onde?

(“A luta corporal”, 1954)

Falar

A poesia é, de fato o fruto
de um silêncio que sou eu, sois vós,
por isso tenho que baixar a voz
porque, se falo alto, não me escuto.

A poesia é, na verdade, uma
fala ao revés da fala,
como um silêncio que o poeta exuma
do pó, a voz que jaz embaixo
do falar e no falar se cala.

Por isso o poeta tem que falar baixo
baixo quase sem fala em suma
mesmo que não se ouça coisa alguma.

(“Em alguma parte alguma”, 2010)

Fotografia de Mallarmé

é uma foto
premeditada
como um crime

basta
reparar no arranjo
das roupas os cabelos
a barba tudo
adrede preparado
— um gesto e a manta
equilibrada sobre
os ombros
caíra — e
especialmente a mão
com a caneta
detida
acima da
folha em branco: tudo
à espera da eternidade

sabe-se
após o clique
a cena se desfaz na
rue de Rome a vida voltou
a fluir imperfeita
mas
isso a foto não
captou que a foto
é a pose a suspensão
do tempo
agora
meras manchas
no papel raso
mas eis que
teu olhar
encontra o dele
(Mallarmé) que
ali
do fundo
da morte
olha

(“Muitas vozes”, 2000)

DENTRO DA MENTE VELOZ

Coletânea com a poesia completa de Ferreira Gullar ganha nova edição e reafirma a força de um dos maiores escritores brasileiros

ALEXANDRE PILATI*

ESPECIAL PARA O TEM

“Toda poesia”, reunião da obra poética construída por Ferreira Gullar ao longo de 60 anos, ganhou, em 2021, nova e cuidadosa edição, o que dá chance de acompanhar a evolução dos mecanismos literários essenciais de um dos mais importantes autores brasileiros do século 20. Publicada pela primeira vez em 1980 pela Editora Civilização Brasileira, a antologia de 10 títulos teve o mais recente acréscimo em 2015, com a inclusão do último livro de poemas do autor, “Em alguma parte alguma”.

Em artigo recente, Ruy Castro recuperou versos escritos em 1949 pelo escritor maranhense para dizer que ali se encontrava um “Gullar pré-Gullar”, o qual estava textualmente fora do conjunto recolhido em “Toda poesia”, mas essencialmente vinculado ao cerne da sua poética. Entre esses versos, Castro destaca o quarteto a seguir: “Essa mansa canção de gestos lentos/ mãos que salvaste pássaros e almas/ afaga as minhas mãos em cujas palmas/ crescem desejos de estrangulamentos.” Não deixa de haver mesmo parentesco entre a canção que dispara os “desejos de estrangulamento” e o poema “Bomba suja”, que convoca a palavra “diarreja”, publicação no livro “Dentro da noite veloz”, de 1976. O perfil de Ferreira Gullar que desponta da leitura de sua poesia reunida, contudo, é o de um poeta de alcance bem mais consequente do que este que, em certo sentido, sempre mirou algo de iconoclastia, como registrado seja nos versos de juventude, em fins dos anos 1940, seja na disposição política mais acentuada nos escritos na década de 1970.

A trajetória poética de Gullar (1930-2016), quando vista de ponta a ponta, remete a um processo lento de amadurecimento. Nela verifica-se a apropriação progressiva de certos recursos que se consolidaram como típicos de uma obra que tem como compromisso capital a relação honesta e aguda com a realidade, como fica pontuado nos versos iniciais de “Coisas da terra”: “Todas as coisas de que falo estão na cidade/ entre o céu e a terra.” Uma poesia humana, no melhor sentido, é o que assoma do processo conjunto de “Toda poesia”. Ao recuperar a poesia de Gullar de 1950 a 2010, o volume dá a ver o quanto tal trajetória se faz através de uma dialética entre a fidelidade a certos princípios e o desejo de ir além dos limites impostos pelo contexto e pelos temas, forçando sempre o horizonte da linguagem. Essa dialética de longa duração mantém-se através de uma chave incidental, gravada, por exemplo, em um poema como “A vida bate”, cujos versos iniciais dizem: “Não se trata do poema e sim do homem/ e sua vida”.

O chão e o coração

Até mesmo o leitor atento a essa constituição basal da poética gullariana impressiona-se com o caráter de súmula de uma quadra do primeiro dos “Sete poemas portugueses”: “E na relva diuturna/ (que voz diurna/ cresce cresce do chão?) rola meu coração”. Nesse relance, tão essencial quanto mínimo e precoce (pois cuida-se de texto do início dos anos 1950), fica atestada a intuição de um nobre programa poético. Lá está o “meu coração”, como núcleo lírico que elabora o real e a linguagem a partir de uma subjetividade claramente situada no tempo histórico. Mas também está o “chão”, como concreta matéria inescapável do poema, que, entretanto, se vincula à “relva diuturna”, a qual, por sua vez, suplanta a contingência, indo além dos dias, para sugerir uma permanência e uma multiplicidade de realidades que escapam ao sujeito. Final-

mente, há, nesses primeiros versos do poema que abre “Toda poesia”, sobretudo, a “voz diurna”, elemento contingencial que, oposto ao que se prolonga em direção ao perene e ao múltiplo, é fundante para a voz poética de Gullar. A esses elementos a atenção do autor irá se direcionar e, a partir deles, outros motes serão convocados para a estruturação de sua busca por uma dicção particular e à altura das exigências de seu tempo histórico, com atenção especial à “sua luz dos perfumes da vida”, registrada no poema “Memória”.

No último livro coligido em “Toda poesia” encontra-se o poema “Falar”, que, em certa medida, pode ser tomado como consumação do projeto anunciado 60 anos antes n’ “A luta corporal”: “A poesia é, na verdade, uma/ fala ao revés da fala/ como um silêncio que o poeta exuma/ do pó, a voz que jaz embaixo/ do falar e no falar se cala.” “Fala ao revés da fala” não se faz nunca, em mais de meio século de poesia, sem as coordenadas do “chão”, da “voz”, do “coração” e sobretudo da “relva diuturna”, condão de mistérios e sugestões que cabe ao poeta indicar, pois segundo o próprio Gullar, “a vida não basta”, por isso existe a arte. Entre tanto, a bem do contraditório, que rege a própria lei da existência, o autor garante, no poema “Vestibular”: “Tudo que posso dizer-lhe/ é que a gente não foge/ da vida/ é que não adianta fugir”.

Do primeiro ao último livro, portanto, consegue-se apontar, com a remissão aos “Poemas portugueses” e a “Falar”, para algo que é central à compreensão da importância de Gullar para a lírica em língua portuguesa no século 20: a sua concepção de poesia que é, a um só tempo, defendida e procurada por ele ao longo de mais de meio século de trabalho. Essa concepção é o que interessa, por exemplo, a Antonio Cicero, no belo e esclarecedor posfácio que integra a recente edição de “Toda poesia”. Para melhor apreensão da poesia de Gullar ao leitor, o texto de Cicero divide-se em fases, nas quais se pode perceber a inquietude que embala a pesquisa da linguagem nos primeiros livros e que alcança plenitude de realização a partir do “Poema sujo”. De acordo com Cicero, “em ‘Poema sujo’ Gullar já exerce — sem dúvida a partir de toda a sua experiência de poeta e impellido pela intuição, pela emoção e pela paixão pela poesia — a liberdade que ele apenas conseguiria conceituar, e de modo lapidário, quase 40 anos depois.” Grosso modo, então, pode-se dizer que os primeiros livros de Gullar, antes do “Poema sujo”, caracterizam-se pela busca de uma plenitude alcançada a partir desta incontornável obra de 1975, a qual, por sua vez, só seria possível ao poeta manipular conceitualmente muitos anos depois.

O vínculo do corpo

Aliás, como bem demonstram eminentes estudiosos da poesia de Gullar, entre os quais Antonio Carlos Secchin e o próprio Antonio Cicero, a poesia é tema central de grande parte dos poemas escritos pelo autor, chegando a dominar coletâneas como “Na vertigem do dia”, por exemplo. Sendo tema central, a poesia ou, mais especificamente, o ato de sua encarnação em poema, engendram diálogos com outros âmbitos da vida e ganham a riqueza e a multiplicidade de assuntos em que, normalmente, se reconhecem os poetas de disposição aberta a refletir sobre a situação do sujeito no mundo, ou, nas pala-



“Do primeiro ao último livro, consegue-se apontar para algo que é central à compreensão da importância de Gullar para a lírica em língua portuguesa no século 20: a sua concepção de poesia que é, a um só tempo, defendida e procurada por ele ao longo de mais de meio século de trabalho”

“Magnífica celebração”

“Em ‘Poema sujo’, Gullar já exerce — sem dúvida a partir de toda a sua experiência de poeta e impellido pela intuição, pela emoção e pela paixão pela poesia — a liberdade que ele apenas conseguiria conceituar, e de modo lapidário, quase 40 anos depois. Gullar dizia que ‘quando me perguntam o que o ‘Poema sujo’ significa, por exemplo, respondo que deviam lê-lo, porque o poema não significa nada além do que nele está contido.’ E tem toda razão. Acrescento apenas que ‘Poema sujo’, sem jamais deixar de reconhecer o absurdo esmagador da vida, constitui-lhe uma magnífica celebração.”

Antonio Cicero no posfácio “A fala ao revés da fala”, da nova edição de “Toda poesia”

vas de Gullar: “que faço entre coisas? De que me defendo?”. As perguntas, presentes em “Galo galo”, encaminham o leitor a um circuito de conteúdos que vale a pena aqui apontar, ainda que de modo muito indicial, como forma de sugerir trilhas a percorrer, de fio a pavio, na leitura de “Toda poesia”.

O leitor verá no conjunto que um dos temas fortes da poesia de Gullar é o corpo, entendido como espaço da consciência do eu e de mediação central entre sujeito e realidade. Através do corpo, o poeta revela seu vínculo com o espaço próximo e com o longínquo. É o que se lê, por exemplo, no poema “Homem sentado”: “vejo pelo janelão da sala/ parte da cidade/ estou aqui/ apoiado apenas em mim mesmo/ neste meu corpo magro, mistura/ de nervos e ossos/ vivendo”.

Além do corpo, a atenção às coisas simples é frequente em toda a poesia de Gullar. Desde “A luta corporal”, onde se encontram os magistrais poemas “Galo galo” e “A galinha” até “Alguma parte alguma”, onde se encontra o belo poema “Uma corola”, que guarda o verso que dá título a este último livro do poeta. A atenção às minúcias do cotidiano dá forma ao olhar poético primacial de Gullar: aquele que perscruta o chão, o dia, o trivial, sempre em busca da “vida que bate”. A esse título são talvez insuperáveis os cinco poemas da série “Bananas podres”, que se dispõem entre os livros “Na vertigem do dia” e “Em alguma parte alguma”.

Do ponto de vista dos movimentos da subjetividade registrados no poema, Gullar sempre deixou evidente que a criação poética deveria captar, com o maior grau de fidelidade possível, o espaço engendrador da disposição lírica. Daí que o tema do espaço e da aparição de algo insólito (clarões, explosão) em contexto trivial é reiterado no conjunto de sua obra. Isso dá embasamento ao memorialismo do “Poema sujo”, mas também se verifica sob condições diferentes em “Fotografia de Mallarmé” e “Electra II”, de “Muitas vozes”, ou “O Cheiro da Tangerina”, de Barulhos.

A matéria memorialística, tão recorrente em Gullar, dá origem a outro esteio importante do conjunto de sua obra, o qual se vincula ao cerne de sua concepção poética: a relação entre a poesia e o povo. O clássico “Traduzir-se”, também, a dupla “Meu povo, meu abismo” e “Meu povo, meu poema” são referências inquestionáveis desta porta para o mundo social que o autor encontra através da poesia. Seguro de que “meu povo e meu poema crescem juntos”, o poeta vincula a memória e a realidade a uma certa imaginação nacional-popular da dicção poética, testada nos “Poemas de cordel” e totalmente transfigurada nas obras dos anos 1970 e 1980. Nesses livros, a recolha de ruídos, falas, alaridos dará vez a constituição daquela que é o verdadeiro núcleo da poesia de

Gullar, sua insígnia poética indelével: a figuração do “homem comum”.

Esse personagem, que é o protagonista do “Poema sujo”, patenteia-se em textos como “Voltas para casa”, “Maio de 1964”, “Agosto de 1964” ou “Adeus a Tancredo”, com marca política contextual forte. Mas o “homem comum” de Gullar não se restringe a esse limite conjuntural, pois é quem fala, por exemplo, em “Filhos”, “Meu pai” ou “Os mortos”, todos textos vinculados a relações familiares. Assim, chega-se à conclusão de que esse personagem não é apenas reflexo de Gullar, o que seria uma ilusão rebaixada de correspondência direta entre “eu poético” e “eu empírico”. Também não é o seu outro de classe, o que seria um idealismo político inconsequente incompatível com o refinamento de um poeta que testou os limites da poesia nos “Poemas concretos e neoconcretos” da década de 1950. O “homem comum”, cuja biografia se pode depreender da leitura de “Toda poesia”, através de uma multiplicidade de temas a ele articulados, é uma transfiguração da realidade que abarca as tensões de um tempo histórico específico e reitera, a partir daí, a sua relação com a humanidade. Essa grande conquista exibida no conjunto de seus livros ora reunidos.

De toda obra de Gullar, parece ser em “O açúcar” que tem lugar a síntese mais legítima dessa figura indescritível da vida brasileira, apresentada ao leitor em chave crítica, como consciência dilacerada da história: “Em usinas escuras/ homens de vida amarga/ e dura/ produziram este açúcar/ branco e pu-no/ com que adoço meu café esta manhã em Ipanema”.

Depreende-se, pois, que Gullar escolhe a poesia como tomada de partido da vida. Por isso, o poeta afirmaria certa vez que “a poesia verdadeira não é sectária, não é unilateral”. Talvez quisesse dizer que a poesia não é expressão mecânica e direta de teses previamente estabelecidas, nem lugar de retórica política, nem espaço para idealizar o mundo. O que não quer dizer que seja infensa a tudo isso. Sendo poesia política, a obra de Gullar jamais foi veículo de ideias. Escolhendo outro caminho, mais complexo, tentou articular tais ideias a uma interpretação crítica do real, sendo, portanto, a dupla “Meu povo, meu abismo” e “Meu povo, meu poema” são referências inquestionáveis desta porta para o mundo social que o autor encontra através da poesia. Seguro de que “meu povo e meu poema crescem juntos”, o poeta vincula a memória e a realidade a uma certa imaginação nacional-popular da dicção poética, testada nos “Poemas de cordel” e totalmente transfigurada nas obras dos anos 1970 e 1980. Nesses livros, a recolha de ruídos, falas, alaridos dará vez a constituição daquela que é o verdadeiro núcleo da poesia de

*Alexandre Pilati é professor de literatura da Universidade de Brasília e poeta, autor, entre outros, de “Tangente do cobre” (Laranjã Original, 2021)

Minha medida

Meu espaço é o dia
de braços abertos
tocando a fimbria de uma e outra noite
o dia
que gira
colado ao planeta
e que sustenta numa das mãos a aurora
e na outra
um crepúsculo de Buenos Aires

Meu espaço, cara,
é o dia terrestre
quer o conduzam os pássaros do mar
ou os comboios da Estrada de Ferro Central do Brasil
o dia
medido mais pelo meu pulso
do que
pelo meu relógio de pulso

Meu espaço — desmedido —
é pessoal aí, é nossa
gente
de braços abertos tocando a fimbria
de uma e outra fome,
o povo, cara,
que numa das mãos sustenta a festa
e na outra
uma bomba de tempo

(“Na vertigem do dia”, 1980)



“Toda poesia”

- De Ferreira Gullar
- Companhia das Letras
- 536 páginas
- R\$ 94,90